

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

SENTIDOS E DESLOCAMENTOS DE SENTIDOS PARA SENZALA

Márcia Regina de SOUZA¹

Resumo: Objetivamos neste artigo, refletir sobre os deslocamentos de sentido da palavra *senzala* em discursos a respeito das questões étnico-raciais na contemporaneidade, em especial nas mídias digitais que se configuram como um meio muito fértil para produção e circulação de sentidos, refletindo as condições de produção que constituem o atual cenário político e social brasileiro como espaço do dissenso, do embate, do conflito, da discordância. Pensando mais especificamente na tensão que constitui a produção e circulação de sentidos acerca das questões étnico-raciais, nos deparamos com a recorrência da circulação da palavra *senzala*, tanto em enunciados antirracistas quanto em discursos de cunho preconceituoso. Dessa forma, selecionamos para análise, sequências discursivas de pichações de cunho racista realizadas em universidades brasileiras e divulgadas na internet. Objetivamos com nossa análise, articulando linguagem e ideologia, face à história e às relações sociais, dar visibilidade aos sentidos produzidos para *senzala*, explicitando como se constituem e significam as relações entre negros e não negros nas universidades. Para tanto nos inscrevemos na perspectiva da Análise do Discurso de viés materialista, fundada por Michel Pêcheux e outros autores na França na década de 1960 e difundida no Brasil por Eni P. Orlandi a partir da década de 1970.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Senzala. Questões Étnico-raciais.

Abstract: The aim in this paper, it's to think about the replacement of *Senzala's* word in speech issue about respect of ethnic racial in the contemporaneity on special digital media that configure as much as fertile to production and flow of sense, at current Brazilian form of political and social scenario as spece of opposition, from conflict, disagreement. Thinking more specifically the tightness that condition the production of sense about ethnic – racial issues ourselves encounter with recurrence of teh circulation of the *senzala's* words, not only in anti-racist statements about the speech of prejudice. That way e selected to analyze, discursssive sequences of racismo graffitied in Brazilian's universities walls and disseminated on the internet. We object with our analyses, articulating language and ideology, facing the history and social relationship, give them visibility to senses produced for *senzala*, explaining how the relations between blcks and non-blacka in universities are constituted and signified. For this we are parto of the Discourse Analysis of Slant Materialistic, founded by Michel Pêcheux and others authors in France in 1960s and disseminated in Brazil by Eni P. Orlandi in 1970s.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, campus Cáceres/MT. marcia_rsp@yahoo.com.br.

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

Keywords: Discourse Analysis, *Senzala*, Ethnic- Racial Issues.

“A cada análise de uma palavra, estabelecemos um recorte e explicitamos as singularidades e as regularidades de seu funcionamento nos discursos”.

José Horta Nunes

1. Introdução

Atualmente, as mídias digitais se configuram como um fértil espaço para produção e, principalmente, para circulação de sentidos, pois além de possuir modos de funcionamentos próprios enquanto espaço digital, atua como um reflexo dos sentidos produzidos nos espaços sociais, o que nos possibilitou observar diferentes modos de formulação e de circulação para *senzala*.

Nessa perspectiva, nos propomos a analisar pelo viés teórico da Análise de Discurso Materialista, os possíveis deslocamentos de sentidos produzidos para *senzala* em condições de produção atuais, considerando que a teoria trabalha com a opacidade da língua, com a língua em movimento, uma língua sujeita à falhas, ao furo, à falta (ORLANDI, 2015), uma vez que toma a língua em sua relação com os sujeitos e com a história.

Para a Análise do Discurso, o indivíduo se constitui em sujeito ao ser interpelado pela ideologia e a ideologia está na língua, logo, a língua é constitutiva do sujeito. Dessa forma, compreendemos que a língua tem o poder de representar o mundo por meio de sua materialidade que é o discurso. Entretanto, ela pode criar da ordem à desordem, uma vez que o discurso se caracteriza como efeito de sentidos entre locutores, pois trata-se de uma relação entre sujeitos que interpretam afetados pela língua e pela história, ou seja, cada sujeito interpreta e atribui sentidos com base nas experiências vivenciadas, na forma como foi afetado, interpelado por diferentes formações ideológicas ao longo de sua vida (PÊCHEUX, [1975] 2014; ORLANDI, 2015).

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

Assim, por mais que o locutor tente administrar os sentidos, com base em formações imaginárias que o fazem “prever” o que seu interlocutor poderá compreender, ele não tem domínio dos sentidos, uma vez que, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro” (PÊCHEUX, p. 53, 1997).

E é desse princípio que parte nossa análise, pois pretendemos tomar a língua em movimento, a palavra *senzala* em uso pelos sujeitos na relação com os significados instituídos pelo dicionário. Para tanto, selecionamos três sequências discursivas (SDs) para análise que correspondem a enunciados de pichações racistas realizadas em banheiros de universidades, sendo a primeira no IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) em 6 de abril de 2016²; a segunda no prédio do Centro de Atividades Didáticas 3 (CAD3), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 19 de outubro de 2018³; e a terceira na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 29 de abril de 2019⁴.

2. Sentidos dicionarizados para *senzala*

Como ponto de partida para nossa análise, verificamos os sentidos dicionarizados para o verbete *senzala*: (1) Habitação de negros, povoação de negros, residência de um soba, (2) barulho, vozearia, lugar em que há barulho.

Para analisarmos os sentidos de *senzala* em funcionamento nos dias atuais, é necessário compreendermos a memória de sentidos que a palavra aciona, isto é, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível,

² Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/04/06/universidade-tem-nova-pichacao-racista-tirem-os-pretos-da-unicamp.htm>. Acesso em: 26 ago. 2016.

³ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/10/19/interna_gerais,998718/pela-quarta-vez-banheiro-universidade-federal-frase-discriminacao.shtml. Acesso em: 31 out. 2018.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/04/26/policia-federal-investiga-novo-caso-de-pichacao-com-conteudo-racista-na-ufsm.ghtml>. Acesso em: 05 mai. 2019.

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, p. 29, 2015). Desse modo, é importante sabermos que os significados dicionarizados para *senzala* retomam os sentidos do período escravista no Brasil, em que a senzala era um lugar, um espaço que nos engenhos e nas fazendas era destinado à moradia de pessoas escravizadas. Entretanto, as senzalas foram extintas por volta do século XIX.

Consideramos importante essa relação entre a língua em uso e a língua dicionarizada, pois como explica Bressanin (2009, p. 01):

Vale destacar que os instrumentos linguísticos, construídos com base na escrita, de fato não se confundem com a “língua”, todavia não deixam de funcionar na sociedade, produzindo um discurso e um imaginário linguístico. O efeito de unidade da língua do Brasil em relação à língua escrita de Portugal, por exemplo, é produzido na relação entre um tipo de saber e sua institucionalização.

Assim, ainda que nossa filiação teórica não considere a língua do ponto de vista da estabilidade, é necessária a relação entre os sentidos correntes e os sentidos dicionarizados para o verbete *senzala*, uma vez que reconhecemos que os dicionários produzem efeitos no imaginário social, a partir do efeito de oficialidade que confere à língua. No entanto, não deixamos de ter em mente as particularidades da língua em funcionamento, pois compreendemos que a língua dicionarizada não abrange a amplitude da língua em uso pelos sujeitos.

Passamos, assim, à análise dos sentidos de *senzala* significado pelos sujeitos em condições de produção atuais, pensando sua relação com os sentidos dicionarizados e seus possíveis deslocamentos, deslizamentos.

3. Sentidos em circulação para senzala

Nossas pesquisas para o desenvolvimento deste artigo tiveram início no ano de 2016, quando nos deparamos com a recorrência da utilização de *senzala* como forma de significar não apenas sujeitos negros, mas grupos sociais. Assim, nosso corpus é composto por três materiais que correspondem

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos a casos de pichações de cunho racistas realizadas em universidades brasileiras, sendo uma do ano de 2016, uma de 2018 e uma de 2019.

A primeira SD é referente a uma pichação realizada no banheiro do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) no ano de 2016 e diz "Aki (sic) não é senzala! Tirem os pretos da Unicamp já!", conforme publicado pela página Educação do site Uol com o título: Universidade tem nova pichação racista: 'Tirem os pretos da Unicamp'.

Na primeira oração da sequência discursiva "Aqui não é senzala!", o advérbio de lugar *aqui* se refere à Unicamp, seguido do elemento de negação *não* que indicam que a universidade em questão "não é uma senzala". A primeira oração é complementada pela segunda que diz "Tirem os pretos da Unicamp já", sendo que o verbo imperativo *tirem*, produz o efeito de uma ordem para que os *pretos*, isto é, os estudantes negros da instituição, sejam retirados de lá, complementado pelo advérbio de tempo *já* que cria um efeito de urgência para que a ordem seja cumprida.

Assim, para melhor compreendermos os efeitos de sentido da sequência discursiva, elaboramos as seguintes paráfrases:

A Unicamp não é senzala! Tirem os negros daqui já.

A Unicamp não é lugar para negros! Os tirem daqui imediatamente.

A universidade não é lugar para negros! Os tirem da Unicamp já.

Nessa perspectiva, a ordem de tirar os estudantes negros da Unicamp, produz um efeito de autoridade, indicando que o sujeito enuncia da posição de "dono" do espaço, reforçando o imaginário histórico-ideologicamente constituído de que a universidade é um lugar para brancos. Assim, *senzala* é significada enquanto um lugar imaginário para o negro que simboliza uma divisão social/étnico-racial.

A segunda sequência discursiva analisada diz respeito a uma pichação realizada em um dos banheiros masculinos do campus universitário da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, localizado em Pampilha/MG, conforme divulgado pelo jornal on-line Estado de Minas Gerais, em matéria intitulada "Pela quarta vez nesta semana, banheiro de universidade é pichado

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

com frase discriminatória”, da qual selecionamos o enunciado “Pretaiada (sic) vai voltar pra (sic) senzala”.

Nesse enunciado, é o verbo *voltar* que produz o efeito de exclusão, pois indica um deslocamento espacial dos negros da senzala – que aqui é significada como um espaço simbólico de pertencimento do negro –, para o espaço acadêmico, mas que esse deslocamento não é legitimado, uma vez que o sujeito pichador enuncia de uma formação discursiva específica, (PÊCHEUX, [1975] 2014), que não considera que os negros têm direito a ocupar os mesmos espaços que os brancos, que sustenta a divisão entre brancos e negros e considera a universidade como um espaço restrito aos primeiros, deslegitimando o acesso do negro ao espaço acadêmico.

Esse espaço simbólico que é significado na sequência discursiva como *senzala*, é um espaço imaginário de segregação, subalternização, marginalização que nas redes de sentido em que o sujeito pichador se inscreve ao proferir seu discurso, é interpretado como o único lugar possível ao negro, logo, a universidade não é lugar para eles e o dizer “Pretaiada vai voltar para a senzala”, funcionaria como a correção disso que o sujeito pichador interpreta como uma “invasão” do seu espaço histórico-ideologicamente constituído e legitimado.

Na terceira sequência discursiva, selecionamos o enunciado “Pretos na senzala”, que foi pichado em um banheiro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Região Central do Rio Grande do Sul, de acordo com publicação do G1 em 29 de abril de 2019.

O enunciado acima, se caracteriza como uma frase bimembre, ou seja, não possui verbo, por isso não configura uma oração padrão, mas ainda assim é um enunciado carregado de sentidos. O elemento *na* funciona como uma contração da preposição *em* e liga os substantivos *pretos* e *senzala*, indicando a senzala como lugar de pertencimento do negro, assim, temos as seguintes paráfrases:

Lugar de preto é na senzala

Os pretos devem ficar na senzala

Simpósio AT171 – Discurso, sociedade, política e direitos humanos

Podemos, ainda, relacionar o enunciado da SD 3 com o da SD 2, que aponta para a ascensão do negro socialmente, em especial ao direito ao curso superior por intermédio das políticas públicas, e a desidentificação do sujeito não negro com a presença do negro nas universidades, constituindo, assim, relações de conflito, de litígio que se manifestam na/pela linguagem.

Nessa perspectiva, compreendemos que nas três sequências discursivas analisadas, *senzala* perde seus sentidos de moradia, mas mantém a memória de lugar destinado aos negros, se deslocando para um espaço imaginário que separa sujeitos negros e não negros e pressupõe uma fronteira que não poderia ser ultrapassada entre os grupos sociais em questão.

4. Considerações finais

Podemos identificar nas sequências analisadas que *senzala* adquire outros sentidos a partir de um funcionamento parafrástico, ou seja, “o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (ORLANDI, p. 34, 2015). Isto quer dizer que os enunciados atualizam sentidos e promovem o cruzamento de uma memória de que os negros não podiam/podem ocupar os mesmos espaços que os brancos.

Assim, o significado de *senzala* se desloca sem deixar de remeter à memória do lugar destinado aos negros, ao seu sentido dicionarizado que se remete à moradia dos negros escravizados no Brasil, à divisão entre o que é espaço do negro escravizado e do senhor de escravos.

Em condições de produção atuais, *senzala* deixa de significar um lugar ou espaço físico para representar um espaço simbólico de pertencimento do negro, ou seja, passa a significar um lugar ou espaço social que nas redes de sentido que constituem os enunciados analisados, coloca o negro em uma posição de subalternizado, marginalizado, segregado, que não possui direito ao ensino superior, pois ao enunciar, o sujeito pichador se inscreve em uma formação discursiva que compreende o espaço acadêmico como reservado ao branco, e se posiciona enquanto detentor não só do espaço, mas do direito de expulsar o negro, que pelo advento das políticas de ação afirmativa, teria ultrapassado a fronteira que separa o lugar do negro e o lugar do branco.

Desse modo, o gesto simbólico da pichação, aponta para um embate, um litígio que se constitui entre o político – as políticas de cotas, e o social – as práticas dos sujeitos. (SOUZA, 2018).

Partindo dessa concepção, compreendemos que a língua não é opaca, não possui um sentido único, literal e ainda que haja um imaginário de uma língua estabilizada, formalizada, fixa, os sentidos sempre escapam, pois a língua é dinâmica, instável, abrangente, os sentidos não são transparentes, o que possibilita que a palavra *senzala* seja ressignificada, retomando pela memória discursiva, sentidos outros produzidos em diferentes condições de produção.

Referências Bibliográficas

LOVISI, Pedro. **Pela quarta vez nesta semana, banheiro de universidade é pichado com frase discriminatória**. Estado de Minas, 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/10/19/interna_gerais,998718/pela-quarta-vez-banheiro-universidade-federal-frase-discriminacao.shtml>. Acesso em: 31 out. 2018.

MARCHEZI, Fabiana. **Universidade tem nova pichação racista: 'Tirem os pretos da Unicamp'**. Uol, 2016. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/04/06/universidade-tem-nova-pichacao-racista-tirem-os-pretos-da-unicamp.htm>. Acesso em: 26 ago. 2016.

NUNES, José Horta. **Palavras da Cidade: sujeitos em discursividades contemporâneas**. Disponível em: <http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/JOSE%20HORTA.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. – 12 ed. – Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. – 2 ed. – Pontes, Campinas, SP. 1997.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al]. 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. Título original: Les vérités la Palice, 1975.

PF apura novo caso de pichação com conteúdo racista na UFSM. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/04/26/policia-federal-investiga-novo-caso-de-pichacao-com-conteudo-racista-na-ufsm.ghtml>. Acesso em: 05 mai. 2019.